



## XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

**GT-1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação**

**EM BUSCA DE UM ENTENDIMENTO GERAL ACERCA DA DESINFORMAÇÃO**

***IN SEARCH OF A GENERAL UNDERSTANDING ABOUT DISINFORMATION***

**Wérleson Alexandre de Lima Santos.** UFPE.

**Hélio Márcio Pajeú.** UFPE.

**Modalidade: Resumo Expandido**

**Resumo:** O trabalho tem como objetivo traçar uma discussão teórica a respeito das definições acerca da desinformação. Trata-se de uma pesquisa exploratória e bibliográfica que toma como base teóricos como Capurro e Hjørland (2007) e Buckland (2017) para construir uma discussão do conceito de informação, usando-o como base para a maneira de enxergar o entendimento sobre desinformação. Conclui-se que a desinformação deve ser encarada enquanto um fenômeno informacional tridimensional, manifestando-se em uma dimensão física, cognitiva e social. Aponta que a necessidade de estudos sob uma ótica mais materialista que não a desassocie o fenômeno da desinformação de demais elementos sociais; propondo uma compreensão dele enquanto um acontecimento intimamente atrelado as formas de organização social e de estruturação da sociedade capitalista, sem estar alheia a demais tensionamentos decorrentes dos conflitos causados pela maneira com a qual esse sistema organiza e condiciona as formas de vivência da sociedade.

**Palavras-Chave:** Desinformação. Conceitos de informação. Sociedade capitalista.

**Abstract:** This paper aims to make a theoretical discussion regarding the definitions of disinformation. This is an exploratory and bibliographical research that takes as a basis theorists such as Capurro and Hjørland (2007) and Buckland (2017) to build an interpretation about the concept of information, using this concept as a basis for the way to see the understanding of disinformation. It concludes that disinformation must be seen as a three-dimensional informational phenomenon, manifesting itself in physical, cognitive and social dimensions. It points out that the need for studies from a more materialistic perspective that does not disassociate the phenomenon of disinformation from other social elements; proposing an understanding of it as an event closely linked to the forms of social organization and structuring of capitalist society, not being oblivious to other tensions arising from conflicts caused by the way in which this system organizes and carries the ways of living in society.

**Keywords:** Disinformation. Information concepts. Capitalist society.

### **1 INTRODUÇÃO**

Mediante ao acúmulo informacional que vem sendo gerado com as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), a chance de pessoas se guiarem por informações falsas



aumentou exponencialmente. Vemos problemas decorrentes disso com as *fake news* e seu uso em disputas eleitorais ou com a avalanche de informações trocadas a respeito dos cuidados mediante a Pandemia de Covid-19.

Quando busca-se estudar esse fato, o nome ‘desinformação’ aparece como um dos principais, porém, segundo Araújo (2021), seu uso apresenta duas aplicações distintas – uma delas referente ao consumo de informações falsas e a outra à articulação para sua disseminação. Outro uso comum do termo é aplicá-lo enquanto sinônimo de ‘informação falsa’, como na definição posta por Fallis (2015); essa divergência de definições acaba dificultando um debate mais efetivo e a elaboração de ações combativas mais precisas, uma vez que cada compreensão demanda uma atuação distinta.

O presente trabalho trata-se de um resultado parcial de uma pesquisa de mestrado realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCI/UFPE). Este resumo vem com o objetivo de observar definições a respeito a desinformação, encontrando possibilidades de cruzamento entre elas e as definições de informação de Buckland (2017) e Capurro e Hjørland (2007), de forma a auxiliar na compreensão do tema abordado e lançar possível nortes teóricos na elaboração de reflexões sobre esse fenômeno e os problemas decorrentes do mesmo.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Antes de compreendermos do que se trata a desinformação e como ela se comporta, devemos nos ater, mesmo que de forma breve, ao que seria então a informação, para despistar logo de início qualquer ideal errôneo a respeito do primeiro elemento em questão – afinal de contas, desinformação não é uma não-informação.

Para pensarmos informação tendo em vista sua correlação com a desinformação, devemos pensá-la enquanto um objeto social. Capurro e Hjørland (2007, p.155) nos ilustram-na sob essa ótica ao dizerem, de maneira categórica, que “informação é o que é informativo para determinada pessoa”, isto é, qualquer coisa pode ser considerada informativa desde que faça sentido para alguém. A informação, portanto, não estaria estritamente ligada a um suporte (livros, documentos administrativos, matérias de jornal, etc.), mas sim, aos contextos culturais e sociais dos sujeitos em sua interação com o mundo.



Absolutamente tudo é informação, mas nem tudo se configura como informação para todos. Essa atribuição do que é informação diz mais a respeito da interpretação do sujeito do que a essência da informação em si; essa interpretação que atribuirá o caráter informativo se relaciona com o contexto e a formação social do sujeito, tendo relação não somente com o momento imediato do contato com a informação, como também com sua trajetória de formação e todas suas interações ao decorrer da vida.

Podemos entender a informação como um elemento sógnico da realidade se cruzarmos a definição de Capurro e Hjørland (2007) sobre informação com a de Volóchinov (2018) a respeito de signo. Este último pode ser entendido como um elemento da realidade a qual um sujeito atribui significado e que só fará sentido a partir do contato com outros signos (VOLÓCHINOV, 2018); um signo seria um elemento ideológico que reflete uma realidade presente no mundo material, ele é uma maneira na qual os sujeitos socialmente organizados convencionam visões de mundo e se apropriam como forma de enxergar a realidade. Fallis (2015) usa a mesma definição para informação, como algo que representa o mundo de determinada maneira para os sujeitos, assim como Capurro e Hjørland (2007) afirmam que uma informação só faz sentido a partir de outras precedentes.

Dessa forma, é possível afirmar que a informação é um elemento sógnico da realidade, que se responsabiliza por desenhar uma compreensão da realidade para determinados sujeitos. Sendo ela então um elemento sógnico, e sendo um signo um elemento ideológico, a informação está dotada de ideologia, não podendo ser concebida enquanto algo neutro, já que ela passa por um processo de ideologização não só em sua concepção, como também em sua intelecção.

Sendo assim, se há um grupo de pessoas que, ao receber mentiras no WhatsApp, usam-nas como base para tomar suas decisões, e essas mesmas mentiras são capazes de reunir multidões em torno de uma narrativa que, por mais falsa que seja, faz sentido e apela para algo desses grupos, devemos encarar a desinformação como referência a informações compartilhadas, que geram significados e que carregam um teor ideológico vinculado aos interesses de quem a produziu. É assim que, estar desinformado não seria o mesmo que estar não-informado, já que estar não-informado implica dizer que determinadas pessoas não possuem acesso a certas informações. No caso daquelas desinformadas, há sim um acesso a informações que levam a uma tomada de decisões tendo-as como base, mas informações



manipuladas, tendenciosas, falsas e que não condizem com a realidade. Por isso, não devemos encarar a desinformação como uma falta de acesso a informações, mas como o acesso a informações que são, em sua essência, prejudiciais ou fabricadas para um fim específico

Uma primeira compreensão a respeito da desinformação coloca-a como parte de um complexo de fenômenos informacionais distintos; juntamente com a *mal-information* (má-informação) e a *mis-information* (informação incorreta), a desinformação compõe o que é chamado de *information disorder* (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017), ou transtorno de informação; e apesar de fazerem parte do mesmo conjunto, cada fenômeno possui uma definição, usos e efeitos próprios.

Os critérios que diferenciam os três fenômenos dizem respeito a intencionalidade e a veracidade, sendo a intencionalidade o mais crucial dos dois (SANTOS-D'AMORIM; MIRANDA, 2021). Enquanto a má-informação é intencionalmente danosa, porém totalmente verdadeira, a *mis-information* é circunstancialmente falsa, porém sem dano intencional. A desinformação encontra-se no meio desses dois conceitos, como uma junção de forças, sendo intencionalmente danosa e propositalmente falsa.

Para Fallis (2015) a desinformação seria a informação falsa criada intencionalmente para enganar. O autor afirma que a desinformação “é uma informação *enganosa*; isto é, é uma informação que *provavelmente* causará *falsos entendimentos*” (FALLIS, 2015, p. 406, *tradução nossa*, destaques do autor). Para ser vista como desinformação, a mensagem deve ter sido fabricada, manipulada ou adulterada com a intenção de causar alguma espécie de mal-entendido naqueles que a consumirem. Seja por uma fabricação completa, seja por escolhas linguísticas de caráter duvidoso, seja por omissão de fatos, se a intenção por trás da mensagem é criar falsas impressões nas pessoas, ela é uma desinformação. Mensagens/notícias que por acaso acabam causando confusão em uma parcela da população, mas que essa confusão é fruto de outros fatores que são alheios a mensagem (como de ordem interpretativa de quem lê), não são considerados desinformações.

A desinformação pressupõe uma intenção e o conhecimento de seu conteúdo fraudulento e dos efeitos decorrentes de sua disseminação. Erros factuais cometidos em jornais, por exemplo, de maneira honesta e sem segundas intenções por trás não podem ser considerados como desinformação, pois a autoria da mensagem não possuía intenção de enganar grupos, de modo que o erro foi cometido de maneira desatenta. Contudo, caso essa



autoria tenha consciência de que a mensagem poderá causar mal-entendidos, e nada faz para corrigi-la, ela será considerada desinformação uma vez que a fonte está ciente dos efeitos danosos que ela poderá causar e deliberadamente escolhe não tomar atitudes em relação a isso.

Este último ponto é importante para desmistificar a imagem de que a desinformação se manifesta somente nos veículos de mídia não-oficiais (redes sociais) e é crucial para compreender que até mesmo grandes corporações midiáticas são agentes disseminadores desse fenômeno. Dado que um dos objetivos da desinformação é moldar a opinião pública de forma atender os interesses daqueles que disseminaram a mensagem (BRISOLA; BEZERRA, 2018), e cientes de que os conglomerados de mídia fazem parte de um setor empresarial cujos donos possuem interesses de classe bem específicos, a redação de manchetes/matérias com certas escolhas linguísticas que pretendem moldar as opiniões de acordo com determinada visão, ou a forma como as reportagens são apresentadas e editadas em telejornais de modo a criar uma narrativa bem delimitada utilizando fatos concretos, também são formas de propagação de desinformação, pois essas informações tentam moldar a opinião pública em favor dos interesses da burguesia – grupo este cujos donos dos conglomerados de mídia fazem parte (e.g. Silvio Santos, Família Marinho, Família Saad, dentre outros).

Sob a ótica gramsciana, os veículos de mídia atuam como instrumentos para manter a hegemonia ideológica da classe dominante (MORAES, 2010). É função deles difundir informações de uma forma tal que impeça a formação de uma consciência coletiva na classe trabalhadora, mantendo-a aquietada através da criação de consenso, evitando movimentações populares em prol da libertação e superação do sistema capitalista. Sendo assim, desinformar é uma das táticas das mídias para a manutenção dessa hegemonia, mesmo que essa desinformação não se dê no âmbito de uma fabricação completa de uma realidade.

A partir disso é possível inferir que desinformação não precisa ser completamente falsa – ela poder ter âncoras na realidade, mas se manifestar em uma mensagem construída de maneira tendenciosa o bastante para causar desentendimentos entre as pessoas. Não há outro motivo para uma desinformação existir que não seja causar mal-entendidos e manipular determinados grupos de acordo com os interesses daqueles que a produziu; elas não somente são criadas com o intuito de enganar e com total consciência de seu potencial danoso, como



também beneficiam a fonte de alguma forma (politicamente e economicamente, por exemplo).

Uma ressalva importante a ser feita é que, indo além dos autores acima que entendem a desinformação enquanto uma informação, é importante que os olhares sejam ampliados e possam enxergá-la quanto um sistema. Ela não é somente a mensagem isolada, mas “um complexo de ações que constroem um cenário intencionalmente determinado” (BRISOLA; BEZERRA, 2018, p. 3319). Essas ações, todavia, não se limitam necessariamente ao ato de produzir e disseminar informações, mas a todas as condições sociais mais amplas que colaboram, direta ou indiretamente, para que isso aconteça.

Desinformação é um fenômeno que não deve ser entendido como **uma** informação, mas sim **composto por** informações intencionalmente enganosas que visam lesar pessoas e moldar opiniões e visões de mundo em prol de algum sujeito, grupo e/ou membros de classe social; elas podem ser totalmente fabricadas ou ter um conteúdo manipulado e adulterado para criar um cenário favorável aos interesses escusos do(s) agente(s) emissor(es).

Não podemos caracterizá-la unicamente como algo objetivo e concreto, pois ela parte de um ambiente subjetivo de quem a emite; como visto, uma matéria de jornal pode continuar sendo uma matéria, mas ela será, **e causará**, desinformação a depender das intenções de quem a produziu e da forma pela qual ela foi redigida e veiculada – ou seja, a desinformação se constitui a partir das intenções do agente emissor para com o contexto no qual a mensagem irá circular e os sujeitos que o compõem.

Desinformação gera pessoas desinformadas, ou seja, gera pessoas dissociadas de sua realidade material que tomam decisões e pautam suas visões de mundo de acordo com informações enganosas que existem para perpetuar agendas de interesses políticos, econômicos e sociais de um determinado grupo. Ela não é um fenômeno que acontece alheio a concretude das relações e conflitos de classes existentes no sistema capitalista, mas parte dele.

Para entendermos a complexidade que caracteriza o fenômeno desinformacional, podemos tomar como norte os escritos de Buckland (2017), fazendo um paralelo com sua compreensão acerca das dimensões da informação. Para o autor, existe a ‘informação-enquanto-coisa’, ‘enquanto-conhecimento’ e ‘enquanto-processo’, que dão conta de abarcar, respectivamente: aquilo do qual se extrai a informação, o ato de se tornar informado



e o ato de informar. Neste paralelo, podemos afirmar que o fenômeno desinformativo atua em três frentes, nas quais estão a ‘desinformação-enquanto-coisa’ (aquilo que desinforma), ‘desinformação-enquanto-conhecimento’ (o ato de estar desinformado) e a ‘desinformação-enquanto-processo’ (o ato de desinformar).

Estas três categorias de (des)informação se conectam com as três dimensões da informação trazidas pelo próprio autor, quais sejam: a dimensão física, a cognitiva e a social. O autor afirma que

A habilidade de influenciar o que é conhecido dentro de um grupo pode ter consequências políticas, econômicas e práticas importantes. O que as pessoas sabem é parte constituinte de sua cultura, e saber, acreditar e entender sempre ocorrem dentro de um contexto cultural. Desta forma, informação sempre tem aspectos físicos, cognitivos e sociais que nunca podem ser verdadeiramente separados (BUCKLAND, 2017, p. 51, *tradução nossa*).

Mais nitidamente, a ‘informação-enquanto-coisa’ está conectada com a dimensão física, da mesma forma que a ‘enquanto-conhecimento’ conecta-se com a cognitiva e a ‘enquanto-processo’ com a social. No paralelo traçado, a dimensão física do fenômeno desinformativo diz respeito às informações enganosas verdadeiramente compartilhadas, ou seja, o registro produzido que contém a informação enganosa que foi disseminada, i.e., nas definições de Buckland (2017), o documento.

A dimensão cognitiva do fenômeno desinformativo refere-se ao estado de caos e confusão causado pelo compartilhamento de informações enganosas, em consonância com uma das visões apontadas por Araújo (2021), quer dizer, tratam-se das pessoas e das atitudes desinformadas por elas adotadas tomando como base as informações que receberam, em outras palavras, o conhecimento gerado por essas informações e as decisões dele decorrentes.

Por último, a dimensão social do fenômeno dá conta de abarcar o processo de articulação de informações falsas para sua disseminação, e as intenções, ideologias e interesses a ele atrelado – trata-se daquilo que compõe o contexto e que vai influenciar e determinar de que forma será tomado o processo de informar. Nesta dimensão está o caráter estratégico da desinformação, que dá conta de diferenciá-la de uma simples disseminação e



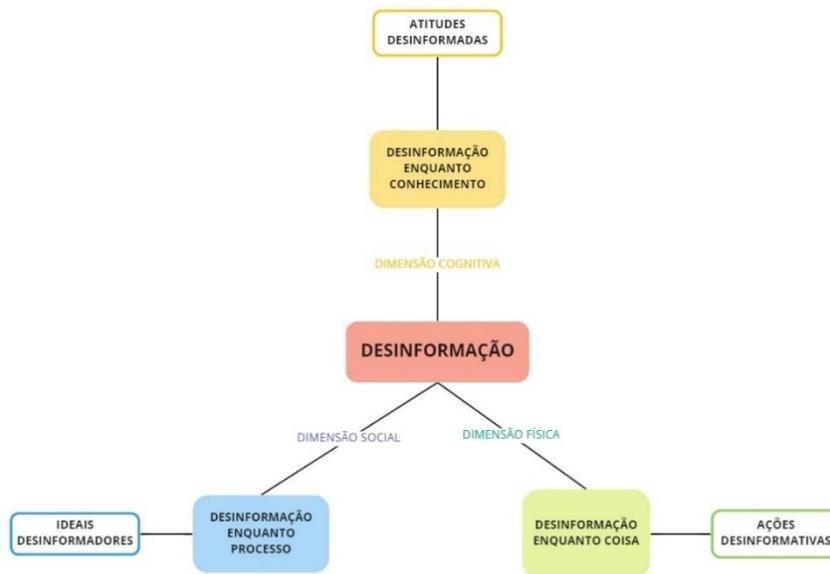
apropriação de informações falsas e permite-a ser dotada de um teor político, econômico e ideológico que dá ao fenômeno uma distinção própria para ser analisado.

Desta forma, a desinformação é um fenômeno tridimensional de teor polissêmico, localizado em um plano abstrato, que dá conta de abranger, num plano concreto, informações falsas disseminadas nos mais variados suportes, um estado caótico de decisões erráticas baseadas em um conhecimento desinformado, e intenções estratégicas que objetivam atender a interesses específicos.

Apesar de se dividirem a um nível de episteme, as três dimensões operam em conjunto, não podendo ser compreendidas de forma isolada. Assim sendo, é necessário saber a diferenciação entre as ações desinformativas, as atitudes desinformadas e os ideais desinformadores. *Ações desinformativas* dizem respeito ao compartilhamento dos registros informacionais de teor enganoso e fraudulento, as *atitudes desinformadas* tratam das decisões erráticas tomadas pelos sujeitos que foram afetados pelo contato com as informações enganosas, e os *ideais desinformadores* tem a ver com as intenções por trás da elaboração dessas informações falsas. Aqui, o adjetivo '*desinformativa*' carrega um caráter de voz ativa, no sentido de ação concreta que age sobre algo/alguém (como em 'ação educativa'); já o adjetivo '*desinformada*' traz um teor de voz passiva, ou seja, a reação ou posição de quem sofre ou sofreu a ação (como em 'pessoa educada' ou 'ação educada'); enquanto que o adjetivo '*desinformador*' assume um papel de articulador, isto é, aquele que realiza ou comanda a ação (como em 'sujeito educador').



Figura 1 - Dimensões da desinformação



Fonte: os autores, 2022.

Ao saber distinguir entre as três, é possível evitar a confusão entre a ação de quem almeja algo, o ato em si e a decisão tomada por quem sofreu a ação – há uma relação de poder que atravessa a questão e desnivela a capacidade de articulação entre os sujeitos. As ações desinformativas possuem características e operacionalizações distintas umas das outras, mas todas funcionam sob o mesmo fenômeno que dão a elas um objetivo comum a ser compartilhado: intencionalmente enganar e causar mal-entendidos, seja utilizando-se de um falseamento total da realidade, seja adulterando fatos reais em prol de uma narrativa. Conhecer é necessário para evitar confusões conceituais que esmaecem o debate e prejudicam as sínteses que possam surgir para combater o problema.

### 3 METODOLOGIA

Este trabalho, enquanto resultado parcial de pesquisa em curso no PPGCI/UFPE, configura-se na forma de uma investigação bibliográfica de caráter exploratório e qualitativa. Seu objetivo é alargar as compreensões acerca da desinformação em um nível epistemológico, que serve de base para o desenvolvimento empírico que a pesquisa mencionada se propõe a fazer.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações voltadas para o combate à desinformação, bem como os estudos dedicados a compreendê-la, devem ser pautados pela ideia de que ela não é **uma** informação, mas sim um fenômeno informacional complexo, que opera de diferentes formas, mas que elas não estão dissociadas umas das outras. Não se pode falar de desinformação sem falar também sobre toda a estrutura material que permite que esse tipo de fenômeno ocorra, da mesma forma que não se pode pautar nenhum estudo sem olhar para os interesses dos agentes que se utilizam da desinformação como estratégia de dominação.

A forma como a desinformação é utilizada como mecanismo de controle e manipulação das massas é mais uma das táticas do capitalismo de manutenção do *status quo*, uma vez que elas sempre tendem a espalhar ideias que evitam contestar a ordem vigente e que atendem aos interesses dos membros da classe dominante. Ainda, não devemos confundir as ações de quem produz a desinformação com aquelas de quem a reproduz, uma vez que o segundo está inserido dentro de um sistema hierárquico de opressão, sujeito à ideologia dominante, e que muitas das vezes encontra-se dissociado de suas necessidades materiais. Isso implica dizer, portanto, que educar contra a desinformação deve ser pautado numa educação política levando em consideração a realidade da luta de classes e de todos os interesses e conflitos por e para ela forjados.

No mais, é necessário encontrar definições próprias que deem conta de distinguir os três tipos de desinformação aqui mencionados, de tal maneira que suas idiosincrasias possam ser compreendidas, já que falar de desinformação usando os três como sinônimos não irá colaborar para uma compreensão mais precisa da realidade. Se pretendemos trabalhar sobre o problema, devemos encará-lo pondo o conjunto da realidade em perspectiva, para evitar encará-lo como algo isolado e facilitando sua visualização em meio a outros problemas que compõem a vida material da sociedade. Consideramos, por fim, que se torna necessário estudos que se debrucem sobre a desinformação de forma mais materialista, embricados em ideias de práxis, para que possamos evitar a entrada em espirais de definições conceituais que dificilmente levarão a uma síntese solutiva de fato.



## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. Á. Novos desafios epistemológicos para a ciência da informação. **Palavra clave**, La Plata, v. 10, n. 2, p. 1-15, abr./set. 2021. Disponível em: <http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/119516>. Acesso em: 07 jun. 2021.

BRISOLA, A; BEZERRA, A. C. Desinformação e circulação de “fake news”: distinção, diagnóstico e reação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018. **Anais [...]**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018. p. 3316-3330. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/102819>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BUCKLAND, M. **Information and society**. Massachusetts: MIT Press, 2017. 217 p.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>. Acesso em: 03 mar. 2021.

FALLIS, D. What is disinformation?. **Library Trends**, [Baltimore], v. 63, n. 3, p. 401-426. jan./mar. 2015. Disponível em: <https://arizona.pure.elsevier.com/en/publications/what-is-disinformation>. Acesso em: 05 de abr. 2021.

MORAES, D. de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Debates**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 54-77, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/12420>. Acesso em: 18 jul. 2022.

SANTOS-D'AMORIM, K.; MIRANDA, M. K. F. de O. Informação incorreta, desinformação e má informação: esclarecendo definições e exemplos em tempos de desinfodemia. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 26, p. 01-23. jan. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/76900>. Acesso em: 21 abr. 2021.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018. 369 p.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Strasbourg: Council of Europe, 2017. 107 p. Disponível em: <https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html>. Acesso em: 14 abr. 2020.